

# MÃENHÊ!

MÃENHÊ

Ilan Brenman



© Guilherme Karsten

## Resenha

Essa é a história de uma mãe que fica exausta ao ser o tempo todo interpelada por seus filhos, pelos mais diversos motivos. “Mãenhê!” chamam repetidas vezes os pequenos, gritando para chamar a sua atenção, querendo saber para que time ela torce, qual é o dia da semana, o que devem vestir, pedindo-lhe para assoprar um olho dolorido. Irritada com os chamados incessantes, a mãe tenta de tudo: usa protetores de ouvido, coloca uma nova porta no escritório para abafar o excesso de som, finge que está dormindo. Porém, depois de uma semana de alívio, sem os chamados constantes, ela começa a sentir certa tristeza. E é somente quando os filhos a chamam para dizer o quanto a amam, que a mãe se alegra mais uma vez.

Em *Mãenhê!*, Ilan Brenman nos lembra que muitas demandas recaem sobre a figura materna, mesmo no mundo contemporâneo. Ainda que, com a luta do movimento feminista, os papéis de gênero tenham se transformado no decorrer das últimas décadas, a função da mãe continua a ser, ainda hoje, especialmente sobrecarregada de tarefas. Ela costuma ser a principal responsável pelo cuidado dos filhos, garantindo a supressão das necessidades básicas e afetivas. Identificada sobretudo em seu papel de cuidadora, ela costuma ter dificuldade para se dedicar com o empenho necessário a seus outros projetos, profissionais ou pessoais. Por vezes, lhe falta algo tão simples e tão básico como a possibilidade de descansar. O livro propõe que os leitores estejam mais abertos e demonstrem mais atenção e empatia para com as necessidades de suas mães.



Coordenação:  
Maria José Nóbrega



## Depoimento

De Maria Fernanda Pinto,  
professora e mãe

Este é um daqueles livros mágicos, que fazem a gente se identificar imediatamente com a história. Ele tem o encanto de falar ao coração, não por trazer grandes reflexões ou personagens fabulosas, mas justamente porque retrata uma vida que vivemos comumente.

Minha pequena ainda não lê. Ou melhor, ainda não lê as palavras, mas sabe bem explorar as centenas de possibilidades que brotam de uma boa ilustração. Por isso, já nem fiquei surpresa quando ela, mirando a capa do nosso *Mãenhê!*, falou num tom bem faceiro:

– Ih, mãe, acho que esse livro é sobre você!

O riso farto depois da constatação já coroava uma leitura bem-humorada.

De pronto, ela se voluntariou para fazer ela mesma os gritos das crianças, palmilhando de novo as pistas coloridas e estridentes deixadas por Guilherme Karsten. Bastava que visse umas letras, assim, imponentes e sonoras surpreendendo a mãe para soltar suas próprias versões do clássico grito infantil: mãããe, mãenhêê, mãããmís, mãmáá, ô mãã-ãe. São muitas as possibilidades!

De meu lado, a identificação também era total. Logo me vi matutando sobre outras tantas

estratégias para conseguir concretizar ações difíceis para uma mãe, como tomar um café ainda quente ou ler um capítulo de livro de uma só vez.

No mesmo momento, lembrei-me de uma amiga com quem falo frequentemente ao telefone. Um dia, perguntei a ela se estava com problemas no aparelho, pois eu sempre ouvia um eco ao fundo das ligações. Rindo muito, ela me contou que, no momento das nossas conversas, costumava se sentar no tapete do banheiro para se esconder das demandas sempre urgentíssimas da filha.

Meus pensamentos, contudo, foram interrompidos: – “Mãããe, ter-mi-nei!”. Pois é...

A farra das incontáveis maneiras de se chamar “mãe” já durava umas três leituras, quando fui surpreendida por uma observação sagaz da minha pequena leitora:

– Mãe, você viu que o livro vai anoitecendo?

Eu não tinha percebido! E movida por uma mistura de curiosidade e orgulho (muito orgulho!), acelerei a passagem das páginas, como quem descobre o cinema. E era verdade!

Entrando de vez na brincadeira, deitei-me no sofá, enquanto dizia:

– Será que amanhã começa tudo de novo? Ah não! – E fechei os olhos.

Mas já era tarde, lá estava ela correndo pela casa com suas peraltices, todas embaladas pelas mais variadas formas possíveis e imagináveis de se gritar “mãe!”

## Um pouco sobre o autor

**Ilan Brenman** tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais, acesse: <[www.bibliotecailanbrenman.com.br](http://www.bibliotecailanbrenman.com.br)>.

## Leia Mais

### Da mesmo autor e série

- ✕ *Pai, quem inventou?* São Paulo: Moderna.
- ✕ *A vida de Fernanda.* São Paulo: Moderna.
- ✕ *A menina que amava futebol.* São Paulo: Moderna.
- ✕ *A cicatriz.* São Paulo: Moderna.
- ✕ *O estranho dia de Luísa.* São Paulo: Moderna.
- ✕ *Quero nascer de novo.* São Paulo: Moderna.

### Do mesmo gênero ou assunto

- ✕ *Minha mãe é um problema*, de Babette Cole. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✕ *Quando mamãe virou um monstro*, de Joanna Harrison. São Paulo: Brinque Book.
- ✕ *Porcolino e mamãe*, de Margaret Wild. São Paulo: Brinque Book.
- ✕ *Eu já disse 100 vezes!*, de Gabriela Keselman. São Paulo: WMF-Martins Fontes.
- ✕ *A mãe que chovia*, de José Luís Peixoto. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

